

A MORTE NA VIDA E NA POESIA DE CASTRO ALVES

ARAMIS RIBEIRO COSTA

Tendo vivido tão pouco, a morte acompanhou a vida e a poesia de Castro Alves. Não aconteceu apenas com ele. Álvares de Azevedo morreu aos vinte anos; Fagundes Varela, aos trinta e três; Casimiro de Abreu, aos vinte; e Junqueira Freire, aos vinte e dois. É preciso lembrar que falamos de meados do século XIX, uma época em que a medicina, essencialmente empírica, se encontrava muitas décadas distante dos conhecimentos e dos recursos dos nossos dias. Não havia antibiótico nem vacina. Morria-se com facilidade. E não apenas nas grandes epidemias, que, uma vez iniciadas, se alastravam com rapidez e descontrole, ceifando vidas aos milhares, ante a impotência angustiante dos poderes públicos e dos médicos, ambos desarmados. Morria-se por tudo. Morria-se de parto, de pneumonia, de desidratação, de pequenas infecções ou inflamações que não podiam ser debeladas. Morria-se a morte lenta e dolorosa da sífilis. E morria-se de tuberculose, fantasma soturno que acompanhava os indivíduos de forma silenciosa e persistente, seguindo, como sombra apavorante, em particular os desnutridos e os moços boêmios em seus prazerosos excessos. Na verdade, convivia-se cotidianamente, diuturnamente com a morte, e nem mesmo a realidade destruidora da violência urbana dos grandes centros contemporâneos, dos assaltos, dos acidentes de trânsito, das drogas, das doenças degenerativas e das síndromes imunológicas de nossos dias podem dar uma ideia desse convívio macabro.

A suavizar a triste realidade daquela época, talvez apenas o hoje inacreditável sentimento excessivamente romântico que tornava belo morrer de tuberculose na mocidade, com tosses persistentes, hemoptises profundas, os olhos grandes e encovados, a palidez cadavérica, o corpo descarnado. A tísica ia aos poucos minando o físico, enquanto, por algum tempo, permanecia a chama da alma acesa, ansiosa por viver, porém a arder com desespero, como a pequena labareda de um toco de vela, que teima em iluminar antes de desaparecer por completo. Por incrível que pareça isso inspirava, e não foram poucas as “damas das camélias” que despertaram paixões avassaladoras, como não foram poucos os moços boêmios, poetas ou não, que incendiaram as imaginações românticas com sua aparência e fraqueza de tísicos. É esse o quadro terrível de um tempo e de uma sociedade na qual aos quarenta anos era-se velho; aos sessenta, velhíssimo; aos oitenta, um fenómeno de longevidade. É esse o tempo e a sociedade em que nasce, vive e escreve o moço baiano Antônio de Castro Alves.

Mas não era só isso. Como se não bastassem as circunstâncias da época, outras de ordem familiar ajudavam a trazer para dentro de casa a presença macabra. Catedrático de clínica interna da Faculdade de Medicina da Bahia, cirurgião, médico do Hospital de Caridade, o doutor Antônio José Alves, pai de Castro Alves, fazia de suas residências um misto de moradia e hospital, onde atendia e internava pessoas livres e escravas, e é de crer que ali se morresse bem mais que em outras casas, das outras famílias. Escaparam dessa dupla condição a bucólica Fazenda Cabaceiras e também a primeira residência da família em Salvador, na Rua do Rosário de João Pereira, número um. Mas essa última era povoada por uma lembrança trágica, a história romântica de um tresloucado amor, ainda mais romantizada pela imaginação do povo, e que iria se associar para sempre à história do poeta. Ali, o professor João Estanislau da Silva Lisboa matara — dizia o povo que com uma bala de ouro, o que seguramente não corresponde à verdade, pois era uma bala comum — a sua amada Júlia Fetal. E a história,

contada e repetida por toda a gente com enfeites e emoção, há de ter impressionado o jovem Cecéu.

O misto de moradia e hospital deu-se já na residência seguinte, na Rua do Passo, número 47, próxima ao Largo do Pelourinho. E ampliou-se na espaçosa Quinta da Boa Vista, em Brotas, casarão de elevada torre encimada por campanário e amplo terreno arborizado à volta, para onde o doutor Alves levou o seu ambicioso sonho de instalar um hospital modelo. Ali, inevitavelmente, teriam morrido vários enfermos, acometidos de doenças diversas, a tuberculose predominando.

Não é de estranhar, portanto, que a poesia de Castro Alves, como quase toda a poesia da época, fosse impregnada do tema e do espírito da morte, mais do que isso, da inspiração obsessiva da morte. Morte e amor. Tântos e Eros, os deuses opostos e tantas vezes convergentes na vida e na arte. Como se fosse tão curta a existência, que fosse preciso amar intensamente — como se fosse tão intenso o amor, que matasse. Mas uma coisa são circunstâncias e sentimentos de época, e cada época os tem exacerbados e muitas vezes incompreensíveis para as épocas posteriores; uma coisa também as circunstâncias profissionais do pai médico e sua obstinação em servir aos enfermos, em particular aos desvalidos e escravos; e outra, bem outra, a dor cruel da perda muito próxima, a morte ferindo fundo, como dardo envenenado, o próprio mundo. Castro Alves conheceu esse dardo muito cedo. Tinha doze anos de idade em 10 de abril de 1859, quando a mãe, Clélia Brasília da Silva Castro, morreu tuberculosa aos trinta e quatro anos.

Voltamos à doença romântica e terrível. Tanto quanto a sífilis — esta sem o caixilho da poesia, pelo contrário, emoldurada pela marca infame da promiscuidade —, um estigma do tempo. O doutor Robert Koch ainda não havia descoberto o bacilo que levaria o seu nome, o que só ocorreria em 1882. Não havia sequer a certeza da transmissibilidade da doença de pessoa para pessoa. A ignorância da época sobre contágio, e não apenas no

que se refere à tuberculose, era absoluta, tanto que o doutor Alves, um afamado médico e professor da Faculdade de Medicina, que havia se destacado pouco antes no combate a uma epidemia de cólera na Bahia, fazia da própria residência um lugar para tratamento de pacientes graves. É claro que, entre esses pacientes, havia portadores de doenças infectocontagiosas, incluindo a tuberculose em fase de transmissão, e é dedutível que, estando tão próximos, ainda que num andar inferior, como ocorreu na Rua do Passo, os enfermos punham em risco a sua família.

Nesse ambiente naturalmente insalubre, convivendo, com a maior naturalidade, sem os cuidados atuais de prevenção de contágio, com pessoas que deviam estar afastadas do convívio social, é provável que aquele dedicado médico não se tenha preocupado, aos primeiros sintomas e sinais, em tomar medidas para o isolamento de Clélia, de modo que os filhos e ele próprio não fossem afetados.

Quanto a ele, tinha a saúde comprometida desde antes do casamento. Estivera, em pelo menos três ocasiões, bastante enfraquecido e preocupado consigo próprio. Uma delas, um ano antes da formatura, quando foi ao sertão e conheceu Clélia Brasília. Outra, já formado, ao retornar da Europa, aonde fora especializar-se em cirurgia, e já se encontrava em pleno exercício profissional, tendo, mais uma vez, interrompido suas atividades para buscar nos ares sertanejos o restabelecimento da saúde. E a terceira, já casado, entre o nascimento do primeiro filho, José Antônio, e o do segundo, Antônio. Verdade que não se descreve, a seu respeito, um quadro de tuberculose, deixando-se sempre em dúvida a origem de sua enfermidade, ou desse “enfraquecimento”, que o fazia interromper tudo e partir em busca de ares puros, havendo apenas quem mencione certa “doença dos pulmões” ou “coração cansado”.

Houvesse, desde essa época, um quadro instalado de tuberculose no pai do poeta, e é de crer que a progressão da doença fosse inevitável, com sinais e sintomas patognomônicos.

De qualquer forma, na distância do tempo e sem registros esclarecedores, numa sociedade em que a própria diagnose primava por desconhecimento e falta de comprovação científica, torna-se muito difícil estabelecer um diagnóstico de nomenclatura atual, sabendo-se apenas que, passada a debilitação dos primeiros anos após o casamento, ele se atirou ao exercício da profissão sem mais apresentar sinais de enfermidade ou fadiga, ao menos por um bom tempo. Quanto aos filhos, deviam ter sido protegidos desde o início da doença da mãe. E, ao menos aparentemente, não houve o isolamento materno.

Se não se sabia sobre contágio, sobre o qual havia apenas uma suspeição, sabia-se perfeitamente a progressão e o fim daquela doença avassaladora, cujo quadro clínico, tão repetido em tantos clientes, era bastante conhecido, e o doutor Alves colocou, em 22 de julho de 1857, um anúncio no *Jornal da Bahia* à procura de “uma senhora de alguma educação” que se quisesse “encarregar de tomar conta de meninos e da direção de uma casa de família”. Dois anos antes de sua morte, portanto, Clélia Brasília já era portadora de tuberculose avançada, com sinais e sintomas evidentes e assustadores, fraca a ponto de não poder tomar conta de sua casa e de seus filhos, e o marido e médico tinha plena consciência do que seria dali por diante. Há um daguerreótipo do último ou penúltimo ano de sua vida em que Clélia — contrastando com outra foto em que se apresenta moça e saudável — se encontra envelhecida, com faces encovadas, os olhos grandes e tristes, numa antevisão da própria morte.

Aqui cabe uma reflexão. O fato de a tuberculose matar lentamente acabava criando, em torno do enfermo, a expectativa do inevitável desenlace. Teria o doutor Alves prevenido os filhos da perda iminente? Teriam eles próprios, ao menos os mais velhos, pressentido o desaparecimento inevitável e breve da mãe?

Eram seis irmãos (pois o segundo, João, morrera alguns dias após o nascimento): José Antônio, com treze anos; Antônio Frederico (o nome Frederico raramente aparece na denominação

de Castro Alves, porque ele o detestava e logo o aboliu), com doze; Guilherme, com sete; Elisa, com seis; Adelaide, com cinco; e Amélia, faltando um mês para completar quatro anos. Dos seis, o que apresentou sinais exteriores de maior abalo com a perda da mãe foi o mais velho, José Antônio.

Era um rapaz fisicamente belo, de temperamento ardente e apaixonado, mas também retraído e sombrio. E era poeta. Hoje não se conhece a sua poesia, porque ele próprio a destruiu, lançando-a ao fogo num momento de alucinação. Mas, naquele tempo, aos treze anos de idade, embora o irmão mais moço, com doze anos, já ensaiasse os primeiros versos, era o poeta da família, cujo talento todos louvavam. O próprio Antônio tinha-lhe grande admiração.

A morte da mãe fez com que o jovem José Antônio tentasse o suicídio, atirando-se de uma janela à rua, o que além do grande susto causado à família deve ter provocado uma forte impressão em todos, inclusive no irmão mais moço. Ao partirem ambos para o Recife em janeiro de 1862 na intenção de cursarem direito, José Antônio a completar em fevereiro dezesseis anos de idade, e Antônio, em março, quinze anos, foram morar primeiro no Convento de São Francisco, depois numa república de estudantes na Rua do Hospício. Ali, segundo depoimentos, são evidentes as diferenças de personalidade dos dois irmãos poetas. Antônio, expansivo e animado, divertia-se a jogar bilhar, a desenhar (que era um de seus gostos, incentivado pelo pai, um apreciador das artes visuais) e a fazer versos, que já vinham com a fama dos outeiros do colégio de Abílio César Borges, na Bahia. Enquanto isso, José Antônio passava os dias à janela, melancólico, a ler os versos românticos de Álvares de Azevedo, que havia morrido aos vinte anos de idade dez anos antes, ou em longas conversas com os loucos do hospício vizinho, a demonstrar uma mórbida afinidade com seus interlocutores.

Com eles havia outro jovem baiano, grande amigo de Antônio, e que mais tarde, após a morte do poeta, se casaria com

sua irmã Adelaide: Augusto Álvares Guimarães. Dali os três foram juntos morar num arrabalde do Recife, próximo ao Rio Capibaribe, o que devia ser bom, inclusive, porque afastava José Antônio da companhia dos loucos do hospício. Mas a diferença de comportamento entre os irmãos acentuou-se. Ao passo que Antônio, eufórico, experimentava os primeiros namoros, fazia amizades, era chamado a recitar e até se deixava vaidosamente retratar para uma publicação em jornal, envolvendo-se na agitada vida acadêmica, literária e boêmia do belo Recife, tão rico de todas as tentações para a juventude daquele tempo, José Antônio afundava numa tristeza soturna, mantendo-se taciturno e arredio, a beber conhaque, ler e escrever poesia.

Assim passou todo aquele ano de 1862 e entrou por 1863. Mas a situação agravava-se. Com o aprofundamento do estado depressivo e da conduta estranha do irmão, Antônio viu-se obrigado a notificar o pai, que mandou chamar a Salvador o filho mais velho. Tudo leva a crer que, embora grandemente preocupado, o doutor Alves não tenha percebido toda a gravidade dos distúrbios de comportamento de José Antônio; pelo menos, como médico, não fez nenhum diagnóstico ou prognóstico de risco, pois, vendo nisto uma solução para o filho — mais uma, enviá-lo a estudar em Recife fora a primeira —, mandou-o dessa vez, em outubro, para o Rio de Janeiro, uma cidade ainda maior, para tentar a Escola Nacional de Engenharia.

Foi pior. Regressou no mês seguinte, acompanhado do primo Dionísio Cerqueira, que viajara com ele e fora seu companheiro nos exames de admissão à escola, e do procurador do doutor Alves, Augusto César de Melo. Agora não parecia haver dúvidas: José Antônio enlouquecera. Aqui também não há um diagnóstico, e a palavra leiga é a única explicação para o desequilíbrio do rapaz. Mas tudo leva a crer numa depressão profunda. Ou seria uma crise psicótica? Levaram-no para Curalinho, na esperança de que os ares sertanejos, que, na concepção geral, eram benfazejos para tudo que se referisse à saúde, lhe trouxessem as

melhoras. Porém, bastou que o deixassem sozinho um único dia, nove de fevereiro de 1864, para que o rapaz se matasse, ingerindo um remédio qualquer que encontrou. Tinha apenas dezoito anos de idade.

Qual teria sido a impressão, qual o sentimento causado em Castro Alves, pela notícia, em Recife, às vésperas de sua matrícula na faculdade, dessa morte trágica do irmão mais velho e companheiro, do mano poeta que lhe havia cunhado, quando nasceu, o carinhoso apelido de Cecéu?

A impressão que deixam os biógrafos mais remotos, aqueles que mais transcrevem os depoimentos de familiares e dos companheiros de mocidade do poeta, é que a trajetória de Castro Alves parecia tão solidamente traçada, que nada, nem mesmo os mais cruéis revezes, a perturbava. Não o abalara, por exemplo — a ponto de fazê-lo retornar à Bahia ou abandonar a vida que levava —, a forte hemoptise que tivera em meados do ano anterior, 1863, o que se sabe pelo testemunho do seu amigo e companheiro de república Luís Cornélio dos Santos. Abatera-se ao lançar as golfadas de sangue, deixara-se ficar, sozinho, de olhos fechados, deitado na rede onde o foram encontrar os companheiros de hospedagem, a segurar uma toalha ensanguentada à mão, a rede e a camisa também ensopadas de sangue. Mas o episódio fora superado. Não lhe interessava a faculdade, que ele parecia apenas cumprir para satisfazer aos desejos do pai e às exigências burguesas da época. Talvez jamais se visse com o anel de rubi no dedo, ainda que isso lhe desse conhecimento e legitimidade para defender injustiçados de toda ordem. Mas interessava-lhe, e muito, além de viver intensamente, voltado principalmente para os amores das mulheres que a ele prazerosamente se entregavam, a nomeada da sua poesia, que, mais e mais, o empolgava, fazendo-se o objetivo principal da sua vida. Seria por ela, pela poesia, pelo fulgor e veemência dos seus versos, pelos rasgos de ousadia diante das rígidas estruturas sociais da época, pelos conceitos emitidos, de forma direta ou metafórica, e não pela legitimidade

do diploma, que defenderia a justiça e a liberdade e que também alcançaria a notoriedade, a glória, a imortalidade.

Como ocorreu com a morte da mãe, não há uma única produção poética de Castro Alves, pelo menos que tenha ficado e esteja incluída em sua obra completa, que se refira à morte do irmão. O poeta tinha o hábito de datar seus versos, portanto torna-se fácil acompanhar a sua produção por períodos e em razão de circunstâncias, ao menos na poesia publicada e hoje conhecida. De 1864, incluídos em *Espumas flutuantes*, seu único livro publicado em vida, há apenas dois poemas. O primeiro é “Mocidade e morte”, uma elegia cuja maior preocupação é a própria morte, contraposta à afirmação eloquente do desejo de viver. É nele que se encontra o verso famoso que retrata toda a vaidade e também toda a confiança do jovem de dezessete anos de idade no próprio talento:

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.

Mas, ao lado do otimismo (“vejo além um futuro radiante”), a certeza do breve fim:

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

A convicção é expressa de forma ainda mais objetiva:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida.

Sente-se morrendo:

E eu morro, ó Deus! na aurora da existência,
Quando a sede e o desejo em nós palpita...*

* N. do R.: Assim no original.

O outro poema de 1864, sem indicação de mês, em *Es-pumas flutuantes*, “Dalila”, como num arrependimento do pensamento da morte, fala de um amor, em versos que sugerem o sentimento já inteiramente voltado para aquela que seria o grande amor da sua vida: Eugênia. E nada mais há com data de 1864 nesse livro.

No conjunto de poemas de conotação social libertária que mais tarde, após a sua morte, foram publicados em volume sob o título *Os escravos*, não há um único poema com data de 1864. Nas poesias coligidas, que incluem originais, traduções, fragmentos e mais duas categorias denominadas pelo organizador da obra de “litigiosa” e “colegiais”, há, com data de 1864, apenas um soneto, “Ao Dois de Julho”, um poema lírico, “Recordações”, com o subtítulo “Recitativo para piano”, e um pequeno poema que recebeu o título de “Fragmento”, talvez por não possuir título, este último tendo como tema o sentimento de solidão.

Não há, portanto, uma única menção, por mais leve que seja, ao irmão suicida, na sua poesia. Também não há nas poucas crônicas que escreveu para jornais, nem na correspondência, publicada e conhecida, para a família e os amigos. Entretanto, deve ter havido alguma correspondência escrita entre a família e ele sobre esse assunto, pois de que outra forma a notícia lhe teria chegado à então distante capital de Pernambuco?

O poema “Mocidade e morte”, inicialmente intitulado “O tísico”, foi nitidamente motivado por seus próprios males físicos. Talvez já estivesse infectado desde os doze anos de idade pela mãe, ou tenha sido contaminado pouco mais adiante por outra pessoa qualquer, afinal havia muita gente tuberculosa circulando sem qualquer resguardo, sem sequer diagnóstico, tanto em Salvador quanto em Recife. O fato é que Castro Alves já estava doente por esse tempo, como atestava a hemoptise do ano anterior. Além disso, andava pálido e magro, tossia muito, sentia fortes dores no peito. Após escrever “O tísico”, finalmente apreensivo com o próprio estado de saúde, largou as aulas da faculdade, mesmo

sabendo que, com isso, perdia o ano por faltas, e viajou apressado para a Bahia em busca da ajuda do pai médico, um tristíssimo pai, que não se conformava com o suicídio do filho mais velho. O doutor Alves, sempre acreditando nos efeitos milagrosos dos ares do sertão, mandou-o descansar em Crralinho e, na volta, tranquilizou-o. Podia retornar aos estudos em Recife. Foi o que fez o poeta, mas o ano já estava perdido.

As férias de fim de ano de 1865 para 1866, passadas na Bahia, marcariam um insuspeitado encontro do poeta com a morte. Do pai, que ele admirava. Nascido em 16 de março de 1818, o doutor Antônio José Alves contava quarenta e sete anos de idade. Desde o suicídio do primogênito, não mais tivera saúde. Continuara a trabalhar; empenhara-se particularmente nas onerosas obras da Boa Vista e do seu pretendido e, à época, quase impossível hospital modelo (porque, além de muito onerosos, hospitais não eram bem vistos pela sociedade, as pessoas de posse fazendo questão de ser tratadas em residência); fundara, com os doutores Faria e Ludgero Rodrigues Ferreira, a Sociedade Bahiana de Beneficência Médica; tivera um novo filho do segundo casamento, com dona Maria Ramos Guimarães Alves, o Cassiano. Mas seu gosto pela vida e suas forças esvaíram-se. Em novembro deixou de sair de casa, mergulhado numa tristeza profunda.

A chegada de Antônio, alto, belo, encantador, com os ânimos e os sonhos da mocidade, a irradiar o fulgor de um talento incomum, alentou-o um pouco, mas não o suficiente. Foram dois meses de enfermidade, acompanhado de perto por seus colegas e amigos, Antônio Pacífico Pereira, Antônio de Cerqueira Pinto, Franco Meireles e Salustiano Ferreira Souto, ocorrendo a morte no dia 23 de janeiro de 1866. Pensou-se em beribéri, que grassava na Bahia, a filha Adelaide acreditava nisso, mas o diagnóstico do doutor Pacífico Pereira para a *causa mortis* foi o coração. Diagnóstico clínico, sem comprovação nem explicação fundamentada e convincente, como todos os da época.

Perder, aos dezenove anos de idade, um pai que apenas tinha quarenta e sete, um pai que ele amava, respeitava e admirava, podia significar uma tragédia pessoal irremediável. Entretanto, afora todo o sofrimento que a perda lhe possa ter ocasionado, não há como identificar, na história conhecida do poeta, um grande abalo pelo acontecimento. O que lhe fica, bem mais, desse período de férias na Bahia, na sua quase lendária história de vida, é a corte, recheada de romantismo e poesia, às três irmãs judias que moravam em frente. Escreve “Hebraia”. Pura poesia, puro desejo de conquista. Sem morte alguma. Como aconteceu com a mãe e o irmão, não deixou registros escritos de seu sentimento pela morte do pai.

Sempre ficará a pergunta: por quê? Teria sido, tanto quanto as outras duas perdas, a dor tão funda que inibiu a inspiração? Ou uma determinação estética de não expor na poesia um sentimento tão íntimo e tão particular, embora tivesse feito isso sempre, quando se tratava de amores? Quem sabe, ainda, a morte dos entes queridos não o inspirava poeticamente, e preferia mesmo não falar do assunto? Será, também, que a perda de familiares ainda moços era tão banal e tão comum, à época, que não fosse relevante? O fato é que abstraiu o acontecimento de sua arte, assumiu uma atitude de força e seguiu adiante — com o mesmo vigor, a mesma confiança e o ímpeto inesgotável do seu talento — o caminho que traçara para si próprio.

A coragem pessoal no enfrentamento das adversidades, ainda que graves e irreversíveis, teve, como prova decisiva, o acidente que o vitimou em 11 de novembro de 1868. Aquele ano havia sido, até ali, o ponto mais alto de sua produção e de seu nome de poeta. Pode-se dizer que seus grandes poemas, os que mais fizeram a sua nomeada para a época e para os tempos seguintes, vêm desse ano, que corresponde aos seus vinte e um anos de idade. Em 1868 escreveu “O navio negreiro”, “Vozes d’África”, “O laço de fita”, “Ahasvérus e o gênio”, “O ‘adeus’ de Teresa”, “Boa noite”, “Adormecida” e “Ode ao Dous de

Julho”, entre outros de menor repercussão. Poemas que bastariam para imortalizá-lo. Tinham sido daquele ano as famosas cartas, publicadas em jornal, de José de Alencar e Machado de Assis, que equivaliam a uma consagração nacional e definitiva. O drama *Gonzaga* ou *A Revolução de Minas*, que estreara com grande êxito na Bahia no ano anterior, repetiu plateias lotadas, aplausos entusiasmados e boas críticas em duas apresentações naquele ano, em São Paulo. Os novos poetas já procuravam imitá-lo, nos versos e nas maneiras. Ele era uma celebridade, e não apenas no meio acadêmico. Até conseguira, naquele ano magnífico, a aprovação de ano na faculdade com um “plenamente”, o que o habilitava à matrícula no quarto ano.

A destoar desses sucessos, o insucesso do amor com Eugênia, que vinha aos tropeços dos ciúmes, tédios da parte dela e desentendimentos, querem alguns até infidelidades, também da parte dela, desde Salvador. Ao longo de 1868, o relacionamento segurava-se já quase que exclusivamente por meio das motivações do *Gonzaga*. Até que ela, um dia, irada, o pôs para fora, atirando-lhe pela janela os pertences. Ele foi hospedar-se numa república de estudantes na Ladeira da Conceição, onde já estava seu conterrâneo e também acadêmico de direito Ruy Barbosa.

O desgosto do poeta foi grande. Não será exagero dizer que parece ter sido maior que aqueles causados pela morte da mãe, do irmão e do pai, os três juntos. Não era apenas a perda, mas também o amor-próprio ferido. A morte do amor, a decepção, a morte da alma em festa. O luto dos prazeres perdidos. Foi esse apartamento intempestivo, destruidor, que o levou a passar uma quarta-feira no arrabalde do Brás e, solitário e triste, passear de espingarda ao ombro pelos campos, menos para caçar perdizes do que para buscar a si próprio.

A história é bem conhecida: levava a espingarda com o cano voltado para baixo; ao saltar uma vala, onde haveria um córrego, com o movimento brusco a arma disparou, descarregando todo o chumbo no seu calcanhar esquerdo. Caiu para diante

com a bota dilacerada, sangrando muito; arrastou-se como pôde até uma casa próxima e pediu que o levassem à sua república, onde o foi acudir, a seu chamado, um seu amigo, o médico baiano Luís Lopes Batista dos Anjos, que considerou de pronto a gravidade do caso. O chumbo lesara ossos e cartilagens, e nada se podia fazer para sarar a ampla ferida, além dos curativos. Note-se que sequer se podia imaginar que, um dia, existiria uma arma terapêutica do poder extraordinário de um simples antibiótico. Além disso, havia a conhecida “fraqueza pulmonar”, que, o médico acreditava, podia se agravar com a imobilidade forçada de uma longa convalescença. O médico prestou-lhe os primeiros socorros e o transferiu imediatamente para outra república, em frente à sua casa, na Rua do Imperador, onde podia lhe dar melhor assistência. Ali, com a ajuda profissional do cirurgião e presidente da província Cândido Borges Monteiro, Barão de Itaúna, retirou-lhe vários grãos de chumbo, fez os curativos necessários, dedicou-se inteiramente à batalha da cura.

O desastre ganhou o noticiário, comoveu a academia e a sociedade. A república na qual o poeta ocupava um quarto individual e amplo, em que havia uma cama larga com muitos travesseiros em que pudesse recostar-se, encheu-se. Sofrendo as dores do ferimento e do curativo, muito pálido, prostrado, viu-se confortado pelos amigos e admiradores, pelos mimos das flores e das gulodices, particularmente a cocada, o doce da moda, que lhe mandavam. Ao seu lado estavam, com assiduidade e palavras de ânimo, Carlos Ferreira, Rubino de Oliveira, Américo de Campos, Ferreira Menezes, Brasília Machado, Campos Carvalho, Aureliano Coutinho, José Felizardo, o padre Francisco de Paula Rodrigues e, naturalmente, o doutor Lopes dos Anjos. A própria Eugênia Câmara, comovida, foi vê-lo. A filha do médico, Maria Amália Lopes dos Anjos, a Sinhazinha, que já lhe havia inspirado, pouco antes do rompimento com Eugênia, o famoso “O laço de fita”, desdobrava-se em cuidados, era a sua principal enfermeira, um bálsamo platônico e romântico para os seus sofrimentos.

Apesar da extensão e do agravamento da ferida, que infectava, havia ainda o otimismo de um bom desfecho — quando sobreveio a febre, constante e alta. Seria essa hipertermia persistente, provavelmente não mensurada, causada pela infecção do pé, mas é difícil dizer, pois o poeta também tossia, respirava com dificuldade, tinha hemoptises, sentia-se exausto. Também se encontrava debilitado e exposto a viroses. Confirmando a previsão do doutor Lopes dos Anjos, a imobilidade prolongada acentuara a enfermidade pulmonar. Entre 30 de março e 1° de abril, estive à morte, ardendo em febre, quase ao delírio, num sofrimento intenso. Certo de que se despedia da vida, escreveu o comovente “Quando eu morrer”. Era um adeus e um pedido:

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
 No fosso de um sombrio cemitério...
 Odeio o mausoléu que espera o morto
 Como o viajante desse hotel funéreo.

Dez estrofes, dez quartetos de versos decassílabos que lhe devem ter saído de um jato, no impulso dos tremores da febre, a pena molhada de suor entre os dedos magros, no resvalar inconformado “para as plagas sem fim do outro mundo”. Mas não concluiu, não disse onde queria que lhe pusessem seu cadáver. Ao incluir o poema em *Espumas flutuantes*, com uma significativa epígrafe retirada de seu conterrâneo Junqueira Freire, acompanhou-o de uma nota:

Estes versos foram escritos quando julgava o autor repousar em terra estranha.
 A febre e o sofrimento fizeram que eles ficassem truncados. Completá-los mais tarde seria de alguma sorte tirá-lhes o único mérito, que por acaso têm.

O quadro deve ter sido assustador. E, de certa forma, prolongou-se pelos dias seguintes, por todo o mês de abril, início de

maio. Eram já seis meses de sofrimento, prostrado num leito, a padecer dores atrozes e aguardar uma cura espontânea que, agora, se afigurava distante ou inalcançável. Os doutores Lopes dos Anjos e Cândido Borges Monteiro reuniram-se em conferência para discutir o caso. Temiam, ao mesmo tempo, a gangrena e a tuberculose. A perspectiva da amputação do pé já lhes parecia inevitável. São Paulo, além de muito fria, o que incomodava o quadro pulmonar, era uma cidade pequena e sem recursos, e o jeito era transferi-lo para a corte. No Rio de Janeiro estava o seu ex-companheiro de república no Recife e bom amigo Luís Cornélio dos Santos, com quem o poeta se correspondia e que o chamava para a sua casa.

Não cabia hesitação. Conduzido da república numa marquesa para um vagão especial, foi levado com grande sacrifício para o porto de Santos, onde, na tarde de 19 de maio, depois de comovida despedida dos amigos, o vento trazendo do mar um frio cortante e triste, embarcou em companhia do colega e amigo José Rubino de Oliveira. A viagem foi dolorosa. O navio jogava muito, o pé doía terrivelmente, ele sentia-se muito fraco. Desembarcou no Rio de Janeiro às duas horas da tarde do dia 21, e o desembarque também foi muito doloroso. Foi carregado de bordo para o trapiche, colocado numa carreta preparada para isso por José Rubino, e dessa forma pôde vencer a longa ponte de desembarque. Depois foi posto num veículo que todos à época denominavam “carro”, mas que não foi descrito, e transportado para a casa de Luís Cornélio, na Rua Silva Manuel, número três, uma viagem que durou duas horas. Retornava ao Rio de Janeiro numa situação bem diversa daquela do início do ano anterior, quando ali fora para ser consagrado por Alencar e Machado.

Os cirurgiões Andrade Pertence e Mateus de Andrade examinaram-no, fizeram a avaliação da ferida e os curativos necessários e deram-lhe esperanças de salvar o pé. Após alguns dias, no aconchego e no conforto da casa de Luís Cornélio, cuja família o tratava como a um parente querido, sentiu-se melhor,

tanto da ferida quanto do peito. Não teve febre nem hemoptise, melhorou da tosse e até conseguiu deitar-se sobre o lado esquerdo, o que já não conseguia. Apenas surgiu-lhe um abscesso no pé atingido, que ele mesmo drenou. Escreveu uma carta aos amigos de São Paulo, mais animado.

Em princípio de junho, os doutores Pertence e Mateus de Andrade submeteram-no a uma intervenção, na qual encontraram ainda trinta e sete grãos de chumbo, fragmentos de osso e, o que era pior, um comprometimento da estrutura óssea e de toda a área atingida, indicando o início da gangrena. Diante disso, não ousaram esperar mais e determinaram a amputação imediata do pé. O poeta resignou-se. O seu estado de fraqueza não admitia a cloroformização, única anestesia da época, e a cirurgia foi realizada sem qualquer anestésico ou analgésico, o que significava uma grande dor, um enorme sofrimento. O bisturi e a serra daqueles hábeis cirurgiões encontraram, entretanto, um paciente corajoso. Ao ver que o doutor Mateus de Andrade o olhava penalizado, sorriu, enfrentando a dor física e moral da mutilação com o sarcasmo, pronunciando uma frase que se tornou famosa:

— Corte-o, corte-o, doutor. Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade.

O pé foi separado em golpes rápidos no terço inferior da tibia, sem que se saiba o quanto da tibia e do perônio foi retirado, durando, porém, a cirurgia apenas alguns minutos. Um ato cirúrgico verdadeiramente magistral, que resultou na eliminação da incipiente gangrena e na salvação não apenas da perna, mas da própria vida. Tudo isso, dos curativos à cirurgia, foi realizado na casa de Luís Cornélio, pois, como já acentuamos linhas atrás, não era de uso que pessoas de bom nível social e que tivessem quem lhes cuidasse fossem levadas para o hospital.

Já no final do mês ele sentia-se melhor até do próprio peito. À falta de Eugênia, como acontecera à filha de Lopes dos Anjos, atirava olhares e versos românticos às jovens da casa,

uma cunhada de Luís Cornélio e duas outras, próximas da família. Descarnado e pálido, mutilado no corpo e na alma, era ainda o poeta dos olhos vivos, da chama do gênio no olhar em fogo, da voz cheia e sonora, dos gestos expressivos, da palavra envolvente e sedutora. E as moças que o cercavam alvoroçaram-se, deixaram o coração bater mais rápido, sorriram os sorrisos juvenis dos sonhos e das esperanças. Mas ele sentia-se ainda magoado por Eugênia e sentia, sobretudo, dentro do peito “o germe cruel de um mal terrível”. Tentou escrever um drama que se igualasse ao *Gonzaga*, que talvez o superasse, intitulou-o *Don Juan*, inspirou-se nas admiradoras enleadas à sua volta, queria esquecer o inverno, tornar à primavera. Mas não enganava ninguém. A todas, ao mundo e a si próprio afirmou:

... Eu sei que morro...
É tarde! É muito tarde!...

Afinal, com a ferida completamente cicatrizada, amparado em longas muletas de ébano, mas profundamente magoado, levantou-se da cama com um pé falso, foi ao teatro ver Eugênia, escreveu versos para ela, os últimos.

Após seis meses na casa de Luís Cornélio, precisava atender ao chamado da família e retornar à Bahia. Francisco Lopes Guimarães, o Chico, filho de sua madrasta e seu cunhado, casado com sua irmã Elisa, foi quem o foi buscar e acompanhá-lo na viagem de volta. Em 25 de novembro, o poeta embarcou para a Bahia. Como acontecera com a volta ao Rio de Janeiro, esse retorno era bem diverso do anterior, quando, ao lado do seu grande amor, desafiando os preconceitos e os juízos da sociedade, mas cercado de aplausos e triunfos, confiante no seu gênio e no drama que ia apresentar aos baianos, buscava com altivez o reconhecimento da sua terra. Agora, alquebrado, sozinho, triste, sonhando apenas com a edição do seu primeiro livro, *Espumas flutuantes*, que deixaria como lembrança aos amigos,

apenas buscava, na sua terra e ao lado dos seus, a cura definitiva ou a morte. Trazia um desejo, além do livro: queria repousar.

Na Bahia, no casarão do Sodré, foi acolhido com muito carinho pela família e pelos amigos, uma alegria mesclada com a preocupação de vê-lo tão abatido e tão triste. Adelaide e Guilherme, particularmente, foram os irmãos que mais dele se aproximaram. Mas, já no início do ano seguinte, em 26 de janeiro, por determinação de seu médico na Bahia, o doutor Salustiano Ferreira Souto, amigo da família e padrinho de Adelaide, por sinal que também tuberculoso desde moço, partiu para o sertão, em busca dos famosos ares que lhe poderiam melhorar a doença do pulmão. A princípio em Curalinho, depois na Fazenda de Santa Isabel, no Rosário do Orobó, tentou repousar e refazer-se, embora não abandonasse a sensação de estar diante da morte, como demonstra em “Coup d'étrier”:

E se eu devo espirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento!...

Reviu parentes, amigos, escreveu muito. Os amores, seus persistentes desejos de homem e de poeta, percorreram, como sombras ou anjos da meia-noite, a lembrança de sua existência gloriosa, sofrida e curta — tão curta. Concluiu “A Cachoeira de Paulo Afonso”, com a qual pretendia pôr fecho ao projetado *Os escravos*, livro que não veria editado. Em 16 de setembro de 1870, pouco mais de sete meses passados, regressou a Salvador. Sentia-se melhor, mas podia ser uma sensação ilusória. Em novembro, graças à colaboração da irmã Adelaide, a copiar com dedicação os originais, ao assessoramento a distância de Luís Cornélio e, principalmente, ao empenho de Augusto Guimarães, teve o seu livro finalmente editado na Bahia pela Typographia de Camillo de Lellis Masson & C. Publisher, o editor de Junqueira

Freire. Os mil e quinhentos exemplares custaram setecentos réis só para imprimir; porém, com o material, mais de um conto de réis. O volume *in octavo* de papel linhas d'água, primeira qualidade, tipo miúdo, alcançara duzentas e dezoito páginas, e trazia uma dedicatória:

À Memória
de
Meu Pai, de Minha Mãe e de Meu Irmão
O. D. C.

Seria este talvez o único registro da dor do poeta por essas três perdas.

Com seu retorno, o Sodré voltou a encher-se de amigos, festas íntimas, reuniões, saraus, a tampa do piano foi mantida permanentemente aberta para os dedos de Adelaide e de quem mais quisesse tocá-lo. Tentou viver mais um amor, o último, mas o objeto de seu desejo, mesmo seduzida, o que confessaria mais tarde, fugiu de suas investidas. O pé de borracha enfiado na bota, o poeta passeou a cavalo; foi ao teatro, chegando sempre muito cedo, antes de todos, acomodando-se ao camarote para que não o vissem amparado em muletas ao andar; querem os indícios que se meteu em aventuras que aplacassem seu ardor sexual; rigorosamente trajado de preto, como costumava vestir-se, subiu a cavalo as escadarias da Associação Comercial da Bahia para declamar; autografou para amigos e pessoas ilustres exemplares de *Espumas flutuantes*; mandou-o a Alencar, com uma dedicatória; tentou manter a chama da alma acesa, a iluminar com desespero antes da escuridão total.

Daquele final de novembro de 1869, em que retornou mutilado e sofrido à Bahia, até junho de 1871, além da conclusão de “A Cachoeira de Paulo Afonso” e uma quantidade considerável de traduções escreveu cerca de cinquenta poemas, dezoito deles fazendo parte dos cinquenta e quatro de *Espumas flutuantes* e dois

que integrariam *Os escravos*. Acalentava um projeto sobre a República dos Palmares, não se sabe se um longo poema, como “A Cachoeira...”, um drama, como *Gonzaga* e o abortado *Don Juan*, ou um romance, como declarou Augusto Guimarães. Mas, como ele mesmo afirmou, quando ainda lançava olhares de amor à volta e era também desejado, era tarde, era muito tarde. Estava, de fato, muito doente. A febre, a tosse, as hemoptises, as dores no peito, os suores, a fraqueza não o deixavam. Mostrava-se extremamente magro e exausto.

O doutor Salustiano Ferreira Souto já não escondia seu desânimo diante daquela tuberculose gravíssima e sem tratamento. Nada mais podia fazer, nada podia fazer a própria medicina, fosse da Bahia ou de qualquer parte. Ao final de maio, fraco, abatido, tomado de extremo desalento, sem conseguir trabalhar a poesia, ele passou a esquivar-se de tudo. Recolheu-se ao casarão do Sodré, apegou-se ao piano de Adelaide. Nos intervalos da tosse cantarolava baixinho, com tristeza, acompanhando fragmentos de árias, romanzas e fadinhos, como se a música pudesse suavizar-lhe um pouco o sofrimento do corpo e da alma.

No dia 22 de junho teimou em ir ao teatro. Na noite do dia seguinte, véspera de São João, festejada ruidosamente nas casas e nas ruas de Salvador com muito foguete e muita fumaça, quis chegar à janela para apreciar um pouco a festa, mas não conseguiu. Com a fumaça que entrava das fogueiras e dos fogos, tossiu muito, recuou, sem poder se aguentar nas muletas, deixou-se abater sobre o sofá, arquejando. Adelaide, que ele e a família chamavam Sinhá, aproximou-se, ouviu-o murmurar o primeiro quarteto de um famoso poema de Álvares de Azevedo:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria,
 Se eu morresse amanhã!

Sinhá viu que lhe corria uma lágrima dos olhos infinitamente tristes.

Cinco dias depois, 29 de junho, já não pôde se erguer do leito. Pediu aos irmãos que lhe transportassem a cama para a sala de visitas, diante da janela de onde costumava olhar a rua. Dali podia ver os telhados do Convento de Santa Tereza embaixo, uma faixa de mar e, principalmente, o céu. Explicou que queria morrer olhando o infinito azul. E pediu que, a não ser os irmãos e os dois amigos mais íntimos, Augusto e Chico, ninguém mais o visse. Agnese Trinci Murri, a última paixão, que se esquivara, pediu, em prantos e com insistência, que a deixassem vê-lo. Adelaide comoveu-se, fez o pedido. Mas ele, com os olhos iluminados de lágrimas, tomou-lhe as mãos e implorou:

— Não! Não a deixe entrar... Ela, mais do que ninguém, não deve guardar de mim uma lembrança de ruína. Que me recorde como sempre me viu, como me conheceu... Não! Não a deixe entrar...

Os dias que se seguiram foram de sofrimentos atrozes, intervalados por breves momentos de alívio. À meia-noite de cinco para seis de julho, quis saber que horas eram. Ao ser informado, suspirou, dizendo:

— Será possível, meu Deus, ainda um dia de dor?...

Tinha a mão fina e fria nas mãos de Adelaide. Era tanta a sua aflição, que a irmã, comovida, deixou cair uma lágrima. Ao sentir pingar a lágrima em sua mão, o poeta apertou-a e murmurou:

— As contas quentes senti...

Poeta, sempre poeta, reportava-se a um de seus últimos poemas, “Virgem dos últimos amores”:

Por que derrubas as gotas
Do cacho do ouricuri?
São tuas miçangas rotas
Que rolam na minha frente?

Teu colar estava quente...
As contas quentes senti!

Na manhã seguinte, seis de julho de 1871, pelas dez horas da manhã, o padre Turíbio Tertuliano Fiúza, amigo da família, chegou ao casarão para administrar-lhe os últimos sacramentos. Ele estava, entretanto, perfeitamente lúcido. Numa das ocasiões em que Sinhá, angustiada, lhe passava o lenço pela fronte ume-decida, ele, com voz quase extinta, mas repassada de meiguice, murmurou-lhe:

— Guarda este lenço... Com ele enxugaste o suor da minha agonia...

Na cama, diante da grande janela e do infinito azul, como ele queria, imóvel, os olhos fixos na amplidão, a luz do olhar foi-se desfazendo, até se extinguir completamente às três e meia da tarde.

O saimento deu-se no dia imediato, sete de julho, às nove horas da manhã. Do casarão ao alto da Rua do Sodré, o esquife foi levado à mão. Daí até o Cemitério do Campo Santo, de carro. À beira do túmulo, João de Brito recitou um poema, Rozendo Muniz fez um discurso em nome da Sociedade Libertadora Sete de Setembro.

É no mínimo estranho que, contemporaneamente, médicos falem numa suposta diabete de Castro Alves, responsável por sua morte, como se não tivesse bastado a tuberculose em estado avançado e sem qualquer tratamento. Por que mais esse inútil diagnóstico, feito a distância e sem nenhuma comprovação?

O corpo do poeta, contrariando o desejo expresso nos versos febris e inacabados de “Quando eu morrer”, foi lançado “no fosso de um sombrio cemitério”. Mas, cem anos depois, quando se aproximava o centenário da morte daquele moço de vinte e quatro anos de idade que se tornara o maior poeta da sua terra, seus restos mortais foram retirados, postos numa urna e levados do *foyer* do Teatro Castro Alves a pé, nos braços do povo,

uma multidão em silêncio e reverente, pelas ruas da cidade, para serem depositados na cripta construída sob seu monumento, na praça que leva seu nome em Salvador.

O gênio vencera a morte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- CALMON, Pedro. *História de Castro Alves*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- COSTA, Aramis Ribeiro. Amores e musas de Castro Alves. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 46, set. 2004.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Perfis Brasileiros).
- MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*. 3. ed. revista e comentada. Rio de Janeiro: Topbooks; Salvador: Universidade Católica do Salvador; Academia de Letras da Bahia, 1997.
- PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves: o poeta e o poema*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.

Aramis Ribeiro Costa é médico, também graduado em letras. É escritor, autor de mais de uma dezena de livros de ficção e de poesia, entre eles *Episódio em Curicica* (2001), *Baú dos inventados* (2003), *Reportagem urbana* (2008) e *Contos reunidos* (2011). Presidiu a Academia de Letras da Bahia na gestão 2011-2013, sendo reeleito para o período 2013-2015. Desde 1999 ocupa a Cadeira n° 12 da ALB.